
EXPEDIENTES SINTÁTICO-SEMÂNTICOS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

MENDONÇA, Maria Eunice Barbosa Vidal¹

RESUMO: Este artigo reflete sobre o emprego dos expedientes sintático-semânticos na produção de textos. Procura-se salientar que do bom uso desses mecanismos resultam textos coesos e coerentes.

Palavras-chave: Texto. Sintaxe. Coesão. Coerência

SYNTACTIC-SEMANTIC PROCESS IN UNIVERSITY ENTRANCE COMPOSITIONS

SUMMARY: This paper reflects on the use of the syntactic-semantic process in writing texts. It searches for evidencing that it's good to use mechanisms that cohesive and coherent texts.

Keywords: Text. Syntax. Cohesion. Coherence.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar o emprego dos processos sintático-semânticos, estudados por Borba (1998), e sua importância para a coesão e coerência textuais. Tem como *corpus* dissertações coletadas no vestibular VUNESP-2001. Far-se-á a análise à luz de contribuições dadas também por Koch (1993), entre outros.

1 FATORES DE TEXTUALIDADE

Qualquer texto coeso resulta de uma série de cuidados com os fatores de estruturação textual. Desse modo, Borba (*op cit*) propõe uma classificação bastante didática dos mecanismos que a língua pode usar para realizar o esquema oracional previsto pelo sistema, agrupando-os em quatro conjuntos: **1º - Destinados a tornar a oração uma estrutura acabada:** ordem e seleção, controle e delimitação, entonação e acomodação fônica, conjunção, disjunção e modalização; **2º - Destinados à acomodação entre os constituintes:** nominalização, relativização; **3º - Destinados à economia sintagmática:**

¹ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. Coordenadora do Curso de Letras da FE/FFCL

anáfora / catáfora, pronominalização e elipse; **4º - Processos de intensificação (ou aumento da informação):** topicalização.

É oportuno resumir algumas noções básicas minuciosamente explicadas por Koch (*op cit*), que defende a existência de duas grandes modalidades de coesão: **coesão referencial e coesão seqüencial**.

A coesão referencial, nas palavras da autora, é aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual (KOCH, 1993:30).

Por sua vez, a coesão seqüencial distingue-se da referencial por dizer respeito aos procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo seqüências textuais maiores), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (KOCH, 1993:49).

2 EXEMPLO DE ANÁLISE

- Redação do Aluno (Transcrição)

Brasil que país é este, que tem tudo para ser um país de primeiro mundo e se encontra no terceiro. Nosso Brasil é o pulmão do mundo e o berço da corrupção, e nós jovens o que estamos fazendo para resolver este problema? Nada.

Jovem a corrupção está aí, não podemos simplesmente ignora-la, hoje em dia tudo que acontece dentro do nosso país está encoberto por corrupção, sacanagem, roubo etc[...] A nossa política está afogada em corrupção, nossa segurança está ameaçada por policiais corruptos, a educação está cada dia pior e a saúde está falida.

O que nós jovens poderíamos fazer para nosso país voltar a ser digno de confiança? Tudo basta termos consciência que não é roubando, nem passando os outros para trás, que um dia seremos bem aventurados, mas sim ajudando uns aos outros a combater a corrupção dentro do nosso país, para que um dia nossos filhos e netos vejam o quanto é precioso ser um brasileiro.

O futuro do nosso Brasil está em nossas mãos, e se o nosso país continuar corrupto a culpa será nossa.

Vamos lutar para sermos um exemplo de vida para nossas futuros gerações.

Jovens diga sempre não à corrupção.

EXPEDIENTES SINTÁTICO-SEMÂNTICOS UTILIZADOS PELO ALUNO MODALIZAÇÃO

Este expediente foi utilizado pelo aluno, praticamente em todo o texto, fazendo dele a linha mestra condutora de todos os argumentos. Pode-se perceber, no desenvolvimento dos parágrafos, do começo ao fim, a atitude apostrofica, invocadora, questionadora, que impregna todos os argumentos,

atitude essa que funciona como uma verdadeira tela a servir de apoio sutil e ao mesmo tempo sólido (perdoem-nos pelo aparente aporadoxo) para todo o tecido textual.

O autor empregou de maneira inteligente o expediente, no primeiro parágrafo, através de: o vocativo “Brasil”, como na seqüência “Brasil que país é este” (sic) e a partícula “o que”, como na seqüência “e nós jovens o que estamos fazendo para [...]?” (sic).

No segundo parágrafo, novamente o vocativo, na seqüência “jovem a corrupção está aí [...]”.

No terceiro parágrafo, na seqüência “O que nós jovens poderíamos fazer para nosso país voltar a ser digno de confiança?”, questiona, usando novamente a partícula “o que”.

No quinto parágrafo, expressa uma atitude intimista, carregada de sentimento persuasivo, na seqüência “Vamos lutar para sermos um exemplo de vida para[...]”.

Finalmente, no último parágrafo, ainda a modalização, no apelo do vocativo “Jovens diga sempre não à corrupção” (sic).

O texto acha-se como que encharcado de modalização. Sem sombra de dúvida, esse mecanismo foi o expediente coesivo por excelência que o aluno soube usar, com inteligência, pois manteve o texto como que cimentado por uma atitude intimista, apelativa, questionadora, que além de manter a coesão, sustentou o interesse do leitor durante todo o tempo de leitura.

TOPICALIZAÇÃO

No primeiro parágrafo, quando o autor usou o termo “Brasil”, no início da frase, na seqüência “Brasil que país é este [...]”, construiu um anacoluto, que constitui um dos processos de intensificação ou ampliação na medida em que, desligado sintaticamente da oração em que se insere, e iniciando a frase, o parágrafo, assume um lugar de destaque, servindo como um núcleo irradiador de novas idéias, ampliando o significado que se quer imprimir ao texto, reforçando o cunho emocional da frase apelativa. É interessante observar como a modalização e a topicalização podem aparecer juntas, uma servindo de reforço à outra, unindo-se no processo de manter coeso o texto.

O autor do texto usa muito a topicalização, quando coloca o constituinte que quer destacar no início do enunciado, como, ainda no primeiro parágrafo, constrói “Nossa Brasil é o pulmão do mundo[...]”.

No segundo parágrafo, na seqüência “A nossa política está afogada em corrupção”, “nossa segurança está ameaçada por policiais corruptos”, “a educação está cada dia pior”, “a saúde falida”, no quarto parágrafo na seqüência “O futuro do nosso Brasil está em *nossas mãos*”.

É assim que soube dar o enfoque desejado aos constituintes que queria destacar, ou seja, desligando-os para o início dos enunciados ao mesmo tempo que, de forma simétrica, contribuiu para maior requinte estilístico, também conseguiu, através desse expediente, interligar enunciados anteriores e posteriores, mantendo o texto coeso e coerente.

ANÁFORA

No primeiro parágrafo, usa o pronome demonstrativo anafórico “este”, retomando “país”, endofórico.

No segundo parágrafo, o pronome “la”, anafórico, retoma “corrupção”, um constituinte endofórico.

A retomada de constituintes citados anteriormente por termos de valor anafórico, principalmente pronomes, revelou-se como um recurso sumamente importante para manter a coesão textual, evitando a repetição de mesmo termo, que torna pesado, enfadonho, monótono o texto. A anáfora o torna coeso e ao mesmo tempo elegante, se assim podemos dizer, à medida que contribui para a economia sintagmática no texto.

ELIPSE

A elipse, ou substituição por zero, mecanismo que, como a anáfora, contribui para a economia a sintagmática do texto e para a sua maior coesão, foi utilizado pelo autor em vários momentos, de maneira inteligente e adequada.

No primeiro parágrafo, a omissão do termo “mundo”, depois de “terceiro (\emptyset)”, é facilmente reconstruída pelo contexto anterior “um país de primeiro mundo”; a elipse do verbo “ser” na seqüência “ \acute{e} (\emptyset) o berço da corrupção”, em nada altera o conteúdo da oração, que se torna por sua vez mais sintética e econômica. Ainda no primeiro parágrafo, o pronome indefinido “nada” equivale a toda uma frase “nós não estamos fazendo nada”; ocorrendo portanto, aí, uma elipse frasal, que tornou mais expressivo o texto, sem a repetição desnecessária para a coerência.

No segundo parágrafo, houve a elipse do sujeito “nós” na seqüência “(ø) *não* podemos simplesmente ignorá-la” (*sic*). Essa omissão não dificulta a compreensão da frase, já que a flexão do verbo indica a pessoa a que se refere.

No terceiro parágrafo, usa a elipse na resposta à pergunta: “O que nós jovens poderíamos fazer para nosso país voltar a ser digno de confiança?” “(ø) Tudo”, o que equivale a “nós podemos fazer tudo”. A elipse aí, além da economia sintagmática, colaborou para uma retomada anafórica, enfática, dos verbos “poder”, “fazer”, assim como o sujeito “nós”; sem repeti-los. Sem dúvida alguma, tornou o texto mais bonito e mais convincente.

Todos esses elementos apontados são considerados anafóricos, endofóricos, porque retomam algo já enunciado e pertencente ao discurso. Entretanto, quando usa o vocativo “jovem”, no singular, como no segundo parágrafo, ou no plural, como no primeiro parágrafo, terceiro e último parágrafos, temos um termo exofórico, porque indica algo fora do discurso. Acrescente-se também o uso do pronome “nós”, junto ao termo “jovens”, como um dêitico, isto é, um indicador de referente também fora do discurso.

Podemos considerar ainda exofóricos os termos “policiais corruptos”, no segundo parágrafo; “nossos filhos e netos”, e “os outros”, no terceiro parágrafo; “futuras gerações”, e “nós” elíptico, no fragmento “para (ø) sermos um exemplo de vida para nossas futuras gerações”, no penúltimo.

NOMINALIZAÇÃO

A nominalização foi usada pelo autor duas vezes, de maneira, ao nosso ver, muito interessante.

No primeiro parágrafo, quando questiona “O que estamos fazendo para resolver *este* problema?” e responde “Nada”, este pronome substantivo, de função dêitica, já relatado, também é usado para nominalizar toda uma oração: “nós não estamos fazendo coisa alguma[...]

No terceiro parágrafo, novamente nominaliza, usando o pronome substantivo “Tudo”, com função dêitica, também já relatado, toda uma oração: “nós poderíamos fazer muita coisa[...]

A nominalização, da forma como foi usada pelo autor, conseguiu uma acomodação muito grande entre os constituintes, de tal maneira que a coesão foi mantida e solidificada, contribuindo para que as idéias se ligassem umas às outras com elegância, reforçando a ênfase do questionamento levantado, contribuindo para a consecução de estruturas acabadas e coesas.

Como vemos, os procedimentos sintático-semânticos, como o próprio nome indica, se bem usados, não funcionam isolados uns dos outros, mas trabalham em regime de colaboração, como deve acontecer num texto coeso e coerente, sintaticamente correto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados deste estudo sugerem que a realização desses expedientes pressupõe habilidades de estruturação sintático-semântica adquiridas ao longo do ensino fundamental e médio, o que, por sua vez, depende de uma atividade anterior de organização de idéias e interpretação de dados, condições necessárias para a elaboração de bons textos.

REFERÊNCIAS

BORBA, da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. Campinas: Pontes, 1998.

BLIKSTEIN, I. **Técnicas de comunicação escrita**. São Paulo: Ática, 1992.

KOCH, G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1993.

KOCH, G. V; TRAVAGLIA, C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1993.